

DINÂMICAS DO NARCOTRÁFICO E CONTROLE TERRITORIAL DO COMANDO VERMELHO NAS PERIFERIAS DE BELÉM

DYNAMICS OF DRUG TRAFFICKING AND TERRITORIAL CONTROL OF THE COMANDO VERMELHO ON THE PERIPHERIES OF BELÉM

DINÁMICA DEL NARCOTRÁFICO Y CONTROL TERRITORIAL DEL COMANDO VERMELHO EN LAS PERIFERIAS DE BELÉM

Aiala Colares Oliveira Couto Correio
Universidade do Estado do Pará - UEPA, Brasil
aialacouto@uepa.br

Leandro Maciel Sarrazin da Rosa Correio
Universidade do Estado do Pará - UEPA, Brasil
leandro.rosa@aluno.uepa.br

Isac José Murta Nunes Correio
Universidade do Estado do Pará - UEPA, Brasil
sacmurta1@gmail.com

RESUMO

As atuais configurações territoriais do narcotráfico nas periferias de Belém vêm apresentando “novas” dinâmicas de regulação e controle dos espaços por parte dos grupos criminais. O objetivo deste artigo é analisar o processo de territorialização da facção criminosa Comando Vermelho nas periferias de Belém, sobretudo, através do domínio do mercado da droga e das práticas de extorsão e coerção que atingem moradores e comerciantes dos bairros. A metodologia da pesquisa foi fundamentada por meio de revisão bibliográfica, análise de relatórios de pesquisa, trabalhos de campo com registros fotográficos e observações sistemáticas, e por fim, a realização de entrevistas abertas nas quais foram coletados depoimentos importantes que deram sustentação para este estudo. Os resultados apontam para uma crescente presença da facção criminosa CV nos bairros de Belém, inclusive com a proibição de assaltos aos moradores, imposição de regras e punição para aqueles que descumprem as ordens instituídas pelo crime. Nesse sentido, o que se tem são estratégias de controle territorial que passam pela construção de identidades criminosas que se apropriam de espaços precarizados, comprometendo a presença do Estado, além de aumentar a vulnerabilidade social e a violência nas periferias da cidade.

Palavras-chave: Narcotráfico. Amazônia. Belém. Periferias. Territórios.

ABSTRACT

The current territorial configurations of drug trafficking in the outskirts of Belém have been presenting “new” dynamics of regulation and control of spaces by criminal groups. The objective of this article is to analyze the process of territorialization of the Comando Vermelho criminal faction in the outskirts of Belém, above all, through the control of the drug market and the practices of extortion and coercion that affect residents and merchants in the neighborhoods. The research methodology was based on a bibliographic

review, analysis of research reports, fieldwork with photographs and systematic observations, and finally, open interviews in which important testimonies were collected that supported this study. The results indicate a growing presence of the CV criminal faction in the neighborhoods of Belém, including the prohibition of assaults on residents, imposition of rules and punishment for those who fail to comply with the orders established by the criminal group. In this sense, what we have are strategies of territorial control that involve the construction of criminal identities that appropriate precarious spaces, compromising the presence of the State, in addition to increasing social vulnerability and violence in the city's outskirts.

Keywords: drug trafficking. Amazon. Belém. Peripheries. Territories.

RESUMEN

Las actuales configuraciones territoriales del narcotráfico en la periferia de Belém vienen presentando “nuevas” dinámicas de regulación y control de espacios por parte de los grupos criminales. El objetivo de este artículo es analizar el proceso de territorialización de la facción criminal Comando Vermelho en la periferia de Belém, sobre todo, a través del control del mercado de drogas y de las prácticas de extorsión y coerción que afectan a los habitantes y comerciantes de los barrios. La metodología de investigación se basó en una revisión bibliográfica, análisis de informes de investigación, trabajo de campo con registros fotográficos y observaciones sistemáticas y finalmente, entrevistas abiertas en las que se recogieron testimonios importantes que sustentaron este estudio. Los resultados apuntan una creciente presencia de la facción criminal del CV en los barrios de Belém, incluyendo la prohibición de agresiones a los residentes, la imposición de normas y el castigo a quienes no cumplan las órdenes instituidas por el crimen. En este sentido, lo que tenemos son estrategias de control territorial que implican la construcción de identidades criminales que se apropian de espacios precarios, comprometiendo la presencia del Estado, además de incrementar la vulnerabilidad social y la violencia en las periferias de la ciudad.

Palabras clave: Narcotráfico. Amazonas. Belém. Periferias. Territorios.

1. BELÉM NO CIRCUITO ESPACIAL DAS REDES DO NARCOTRÁFICO

A Amazônia brasileira constitui-se enquanto uma das mais importantes regiões que funcionam como entreposto comercial para o tráfico internacional de drogas. De certo, a sua localização geográfica próxima aos principais produtores de cocaína do mundo (Bolívia, Colômbia e Peru), a dinâmica da natureza com a presença de rios que integram a bacia hidrográfica sul-americana, a diversidade da floresta que é utilizada como espaços que abrigam laboratórios clandestinos de refino de drogas ou que escondem guerrilheiros armados, e por fim, os múltiplos crimes ambientais que ocorrem na região, todos conectados, contribuem para o fortalecimento do crime organizado.

Nesse sentido, as cidades da Amazônia tornam-se “nós” de uma rede de articulação que, organizada, ultrapassa os limites fronteiriços do território brasileiro, formando uma interação regional/global dos fluxos do narcotráfico, em especial, com destino para os mercados da África e Europa.

No contexto das redes ilegais do narcotráfico na Amazônia, as capitais Belém e Manaus desempenham a função de bases operacionais do narcotráfico, tanto para a conexão destas redes

com outras regiões, quanto para atender as demandas de um mercado local. Assim, a metrópole de Belém no estado do Pará, na porção Oriental da Amazônia, vem se consolidando enquanto um “nexo” estratégico dos circuitos espaciais do crime organizado na região Amazônica.

Com a intensificação das atividades criminosas do narcotráfico na fronteira e em toda a região amazônica, o crime global das redes ilegais passou a gerar perdas políticas e econômicas significativas aos países envolvidos. Nesse contexto, as articulações advindas das ações do narcotráfico induzem a acreditar que, de fato, falta uma política legítima por parte dos governos nacionais de forma a procurar minimizar estas ações ilícitas decorrentes dessa atividade como, por exemplo, uma maior regulação e fiscalização das fronteiras desses países, justificando com isso uma “contenção territorial” (HAESBAERT, 2014).

À vista disso, a figura 1 é uma representação cartográfica atualizada das redes do narcotráfico na Amazônia elaborada pelo Instituto de Pesquisa Mãe Crioula. É óbvio que estas informações não são nenhuma novidade, visto que outros relatórios de pesquisa e artigos já trouxeram estes dados em forma de mapa. Porém, o que se tem nesta representação, são justamente as rotas do narcotráfico na Amazônia numa versão contemporânea, em outras palavras, trata-se de uma versão atualizada sobre esse contexto.

Nessa representação espacial foi considerada a diversidade de redes e rotas que circulam pela Amazônia. Dessa maneira, a figura 1 enfatiza as rotas fluviais, aeroviárias e rodoviárias, pois por elas se estabelecem interações estratégicas onde as cidades tornam-se “nós” ou “nexos” em constantes interações com os “arcos”, que são os eixos que dão vazão aos fluxos de drogas e outras mercadorias ilegais, formando o que aqui nesse artigo se define como redes geográficas do narcotráfico.

Existem várias rotas que conectam a Amazônia Brasileira aos países da Comunidade Andina. Na Bolívia, por exemplo, a conexão se dá com o estado do Mato Grosso, onde são utilizadas as rotas terrestres e aéreas, por meio de uma articulação reticular que leva a droga do Oeste do Pará para a região do Xingu, a partir do município de Altamira, Sudoeste do Pará, até os municípios de Conceição do Araguaia, Redenção e Marabá e para o Norte do Tocantins chegando até Palmas e de lá em direção ao Sudeste do Brasil. Da Bolívia também partem os fluxos de cocaína, que vão em direção ao estado de Rondônia, o qual recebe transportes aéreos e fluviais. Destaca-se que os traficantes constroem pistas de pouso clandestinas no meio da floresta, ou então,

utilizam fazendas como fachadas, segundo o relato de policiais federais, há também a utilização de pistas de pousos em regiões de garimpo.

Figura 1 - Redes do narcotráfico na Amazônia



Fonte: Instituto Mãe Crioula (2024).

A zona da Tríplice Fronteira, durante muito tempo foi considerada a região mais tensa da fronteira Brasil-Bolívia-Peru, pois é o principal corredor dos fluxos da droga que entram na Amazônia. É possível identificar fluxos aeroviários que saem do Peru em direção a Manaus, assim como pelos rios, com destaque para o Solimões. As rotas passam pela região do Vale do Javari até o rio Solimões, e deste segue até o rio Amazonas para abastecer os mercados locais e chegar até a cidade de Manaus, atendendo às demandas do mercado local e estabelecendo outras conexões (Couto, 2024).

Também, há um grande destaque para o estado do Mato Grosso, nesse caso considerando as estradas e a quantidade de pistas de pouso clandestinas e legalizadas que são utilizadas pelo narcotráfico. O mesmo ocorre no estado do Pará, porém há uma relação que também envolve os rios

deste estado integrados às rodovias e as pistas de pouso clandestinas, forma um complexo multimodal de escoamento da droga e de outras mercadorias consideradas ilícitas.

Os narcotraficantes da Bolívia ainda consideram o Mato Grosso como o mais importante entreposto comercial dessa parte da Amazônia. Todavia, isso não quer dizer que o estado de Rondônia não seja uma rota, porém não é a mais significativa, pelo menos no atual contexto das dinâmicas das redes ilegais na região.

De acordo com a figura 1, os fluxos do narcotráfico saem da Colômbia em direção ao estado do Amazonas com destaque para drogas como cocaína e skank, daí conectando-se até a cidade de Manaus por meio de barcos ou aeronaves. De Manaus, a rota segue para Santarém no Pará utilizando os mesmos meios de transportes (aeronaves e barcos), porém há também fluxos que se direcionam para o estado do Maranhão e para a região Sudeste do Brasil a partir dessa cidade.

Em relação a Roraima, a cocaína de origem venezuelana atravessa as fronteiras em direção a Boa Vista e de lá o transporte segue também para Manaus. Já no Amapá, não se pode deixar de destacar o fluxo que sai da Guiana e atravessa este estado em direção a Belém, como há também uma interação que parte de Manaus atravessando o esse estado, seguindo em direção ao mercado europeu. No estudo “Cartografia da violência na Amazônia” (2023, p. 57) foi destacado que “as áreas urbanas dos municípios da Amazônia, ou mais especificamente as cidades, tornam-se ‘nós’ integrados por ‘arcos’ configurando os fluxos das ilegalidades”, que é o caso de Belém.

De qualquer forma, não há como o narcotráfico organizar suas ações sem a presença das cidades. Por isso, as metrópoles brasileiras acabam tendo um papel significativo na organização espacial do crime, com destaque para as periferias, sobretudo, nas áreas mais precarizadas em que os territórios são instituídos, sendo controlados por facções criminosas que monitoram a entrada e a saída, ditam normas e regras, além de inserirem jovens em contextos de vulnerabilidade em sua rede social.

Na conjuntura urbana do tráfico/varejo da droga, Belém se apresenta como um importante mercado consumidor, visto que, parte da droga que passa pela cidade para ser enviada para outras regiões, fica aqui para atender as demandas internas. A capital paraense ocupa um ponto estratégico na Amazônia Oriental, pois está localizada próxima à costa atlântica e tem acesso facilitado aos principais rios da região, o que a transforma em um importante “nó” para a distribuição de drogas.

A infraestrutura portuária e rodoviária da cidade conecta a Amazônia aos mercados externos e internos, consolidando Belém como um dos principais centros logísticos para o tráfico na região.

Em relação à utilização dos modais de transporte para que drogas alcancem a cidade de Belém, segundo o relatório “Cartografias da violência na Amazônia” (2023, p. 81):

Para a droga chegar até Belém, as facções contam com uma ampla rede hidrográfica de rios, igarapés e furos, além de uma extensa rede rodoviária, com ramais e vicinais que dificultam o trabalho de fiscalização das forças policiais e tornam uma vantagem para os grupos criminosos, haja vista que esses obstáculos são zonas de esconderijos para os grupos criminosos, que são as principais rotas que passam pelo espaço metropolitano de Belém, bem como pelos bairros onde as facções se territorializaram.

Nos últimos anos, a disputa pelo controle das principais rotas do narcotráfico no Brasil promoveu um redirecionamento das facções criminosas no Brasil, onde a região amazônica tornou-se um espaço relevante para a presença destes grupos criminais, a exemplo, do Comando Vermelho (CV) do Rio de Janeiro e Primeiro Comando da Capital (PCC) de São Paulo. Contudo, na região também surgiram facções locais como a Família do Norte (FDN) do Amazonas, a Família Terror do Amapá (FTA) e Unidade Criminosa Amapaense (UCA), ambas do estado do Amapá, e o Comando Classe A (CCA) do Pará, além do Bonde dos Treze e Bonde dos Quarenta, no Acre e Maranhão respectivamente.

A esse fenômeno, chama-se de “interiorização das facções”, onde tal fato também foi responsável por promover a interiorização da violência, sendo a região amazônica e nordestina drasticamente incorporadas a esse processo. Contudo, nem sempre a presença de facções criminosas em um contexto urbano significa altos índices de criminalidade que compõem os dados estatísticos da Secretaria de Segurança Pública, pois, no caso de Belém a presença da facção CV impõe uma lógica de controle e regulação dos territórios, tais como: proibição de assaltos, proibição de brigas entre vizinhos, cobrança de taxas aos comerciantes, controle dos serviços de transportes clandestinos, dentre outros, é um controle que se dá por meio de coerção ou de violência simbólica.

Vale ressaltar que a facção CV é hegemônica em Belém, tendo sua chegada à capital por meio de alianças que surgiram dentro do sistema prisional, ou seja, o Pará tornou-se assim um dos principais aliados do CV do Rio de Janeiro. De acordo com o relatório de pesquisa “Cartografias da violência na Amazônia” (2023, p. 80),

Por volta do ano de 2014 e 2015, o Comando Vermelho chega a Belém e une as gangues locais, que passaram a ser incorporadas ao grupo carioca. A partir do momento que o CV obteve o controle pleno da Região Metropolitana de Belém (RMB), passou a expandir suas atuações para os demais municípios do estado, primeiramente aqueles localizados na hinterlândia de Belém, como os da sub-região do Baixo Tocantins e os do nordeste paraense.

Neste sentido, quando chegou à Belém, o CV teve como estratégia a absorção das facções e gangues locais que já atuavam na cidade, fazendo com que estes passassem a compor o grupo carioca. Na contemporaneidade, após a consolidação do controle da capital, este tem buscando se expandir pelo estado, em um processo de interiorização da facção na Amazônia (Cartografias da violência na Amazônia, 2023).

Belém consolida-se na estruturação espacial das redes ilegais na região amazônica, ela exerce a força centrípeta, mas também a força centrífuga, sendo ora concentradora, ora dispersora (Santos, 1996) dos fluxos informacionais e materiais do narcotráfico. Como já enfatizado, Belém tem um duplo papel na dinâmica organizacional do narcotráfico, onde pode-se relacionar este fato as ideias teóricas do geógrafo Milton Santos quando este autor destaca que:

É comum, aliás, que a mesma matriz funcione em duplo sentido. Os vetores que asseguram à distância a presença de uma grande empresa são, para esta, centrípetos, e, para muitas atividades preexistentes no lugar de seu impacto, agem como fatores centrífugos (Santos, 1996, p.278)

Nesse contexto, pode-se afirmar que “Belém está envolvida por todos os lados na trama das redes e legais, seja como área de trânsito com destino a outras regiões, seja como o mercado local, sobretudo nas áreas onde o tráfico de drogas atua de forma territorializada” (Couto, 2014, p. 79). Assim, a territorialização do narcotráfico nas periferias da cidade é o resultado da fixação de grupos criminosos que utilizam as mais variadas estratégias de articulações de controle e regulação dos territórios, sobretudo, aproveitando-se também das falhas deixadas pelas formas precárias e, muitas vezes violentas, de atuação do Estado.

2. DAS FACÇÕES AOS TERRITÓRIOS: A RECONFIGURAÇÃO ESPACIAL DO NARCOTRÁFICO NA PERIFERIA DE BELÉM

O território é o substrato material resultante das relações de poder, onde estas relações, ao tomarem dimensões políticas, econômicas e sociais, promovem a territorialidade. É partindo desta premissa que se afirma neste artigo a existência dos territórios controlados pelo narcotráfico nas periferias de Belém. Porém, não se quer aqui radicalizar a definição do conceito de territórios sobre o controle do crime, até porque são algumas porções do espaço nos bairros periféricos de Belém que se dá a regulação e o controle por parte da dinâmica criminal. Todavia, é impossível não

considerar todas as implicações que o narcotráfico promove sobre um bairro inteiro, sobretudo, no que diz respeito à estigmatização do espaço.

Para Souza (1995, p. 78), “o território é fundamentalmente um espaço definido e delimitado por e a partir de relações de poder”. O autor deixa claro que a questão primordial em seu trabalho não é apresentar quais são as características geológicas e os recursos naturais de certa área, mas o que se produz ou quem produz em um dado espaço, ou ainda quais as ligações efetivas e de identidade entre um grupo social e o seu espaço, pois territórios existem e são construídos (e desconstruídos) dentro de escalas temporais das mais diferentes e que podem ter um caráter permanente, mas também podem ter uma existência periódica ou cíclica, portanto, ele não se reduz à escala do território nacional ou do Estado.

Torna-se necessário, assim, ter o conhecimento das diversas territorialidades que são instituídas por seus agentes. Nesse sentido, Haesbaert (2002) parte do princípio no qual ele identifica uma multiterritorialidade que reúne três elementos: os territórios-zona, os territórios-rede e os “aglomerados de exclusão”. Em relação ao narcotráfico, há duas formas de organização de seus territórios, como se verá adiante: o território-rede, que diz respeito à organização dos fluxos que são constituídos através de interações transfronteiriças que integram o regional ao global, e o território-zona, que nesse caso, se caracteriza pela dominação e apropriação dos espaços zonais que definem as territorialidades nos bairros periféricos de Belém.

Conforme aponta Haesbaert (2014), o território pode ser entendido como um espaço apropriado e controlado por atores sociais diversos, incluindo o Estado e grupos não estatais, a exemplo das facções criminosas, das milícias, do jogo do bicho, dentre outros grupos que promovem suas territorialidades. O narcotráfico é uma forma de dinâmica territorial que foge do controle estatal, em outros termos, é um poder não-estatal que se sobrepõe ao poder estatal, sendo reconhecido como uma espécie de “poder paralelo”, embora este trabalho não concorde com tal termo, já que o narcotráfico também se infiltra nas estruturas institucionais por meio de mecanismos de corrupção e lavagem de dinheiro.

A periferia de Belém, capital do estado do Pará, historicamente tem se configurado como um espaço em disputa envolvendo gangues, facções, milícias e o Estado, embora em relação às facções, o CV atualmente seja praticamente hegemônico, encontrando pouca resistência. Nesse contexto, o narcotráfico emerge como um fenômeno que transcende o âmbito criminal, configurando territórios

marcados por poder, violência e obediência, criando estruturas organizacionais para o controle territorial, como se verá mais adiante.

Em Belém, essa dinâmica é intensificada pelas condições de vulnerabilidade social presentes nas periferias. Os bairros que compõem a periferia da metrópole amazônica sofrem com problemas estruturais de ocupação urbana marcadas por um processo histórico de contradições sociais oriundas da ausência de reforma urbana, ou mais ainda, da precária presença do poder público. Estes ambientes tornam-se favoráveis às organizações criminosas que passam a se apropriar das mazelas sociais e da vulnerabilidade.

A territorialização do narcotráfico, portanto, não é apenas um reflexo do mercado ilícito, mas uma consequência da precariedade urbana e das desigualdades sociais. No contexto de Belém, essas áreas já haviam sido cenário de outras manifestações de poder que resultaram em dinâmicas de violência, eram relações de poder manifestadas em formas de conflitos envolvendo as antigas gangues que foram muito presentes nos anos 1990 sendo substituídas pelas facções no século XXI.

Sobre o contexto de territorialização do narcotráfico nas periferias de Belém, Couto (2020) identifica três fases distintas nesse processo: a fase embrionária, a fase de expansão e a fase de consolidação, onde cada fase representa um momento importante para a configuração dos territórios sob a vigilância e o controle por parte das facções criminosas.

Segundo o autor, a primeira fase, denominada embrionária, ocorreu durante os anos 1980. Nesse período, o narcotráfico em Belém estava focado na venda de maconha em pequenas “bocas de fumo”. A estrutura do comércio era relativamente simples, com poucos traficantes atuando de forma isolada em bairros periféricos. Os territórios ainda não eram fortemente demarcados, e o controle das áreas não dependia de facções organizadas. Essa fase é marcada pelo caráter incipiente do mercado de drogas, quando o consumo ainda era restrito e a violência associada ao tráfico não havia alcançado os níveis atuais. No entanto, essa configuração mudou radicalmente nas décadas seguintes, à medida que novas drogas, como a cocaína, começaram a circular na cidade.

A segunda fase, que se estendeu dos anos 1990 até 2006, é caracterizada pela expansão do mercado de drogas em Belém. Nesse período, gangues de pichadores começaram a ser incorporadas pelos traficantes. A pasta base de cocaína, conhecida como “mesclado”, passou a ser comercializada em larga escala, e os territórios nesse período eram demarcados por pichações que identificavam os grupos que controlavam cada área. Após a união de alguns grupos, o costume de marcar com pichações ainda continua até os dias atuais, porém com outras mensagens atribuídas.

Durante essa fase, surgem em Belém figuras como os “aviãozinhos” e os “olheiros”. Os “aviãozinhos” eram (e ainda são) jovens responsáveis pela venda de drogas, enquanto os olheiros monitoravam a movimentação de moradores e da polícia. Essa organização garantiu maior controle territorial e permitiu a expansão das atividades do narcotráfico para diversos bairros periféricos da cidade.

A terceira fase, denominada de consolidação, inicia em 2007, período em que antigas gangues desaparecem, sendo substituídas por facções do tráfico de drogas. Couto (2020) ressalta que essa fase foi marcada pela popularização da cocaína em pó, o que impulsionou ainda mais o comércio de drogas. Além disso, Belém intensificou sua integração a um circuito espacial mais amplo, conectando-se às redes da comercialização de narcóticos que operam em escala regional e global. Essa integração fortaleceu as facções locais e consolidou os territórios do narcotráfico na periferia da cidade.

Pode-se então falar em uma quarta fase do processo de territorialização do narcotráfico em Belém. Neste caso, ela está associada a fatores externos à região amazônica, visto que a morte do narcotraficante Jorge Rafaat em 2016, conhecido como “rei da fronteira”, fez com que o Primeiro Comando da Capital (PCC) passasse a ter o controle absoluto da rota do tráfico de drogas que liga a região da Bolívia e do Paraguai a Ponta Porã. Este fato marca a entrada do PCC no mercado internacional de drogas e, ao mesmo tempo, esta facção passa a ter o monopólio da entrada da droga no Brasil pela fronteira sul.

Isto leva a uma reconfiguração das dinâmicas internas do narcotráfico no mercado brasileiro, já que em 2007 havia surgido no estado do Amazonas a facção Família do Norte (FDN) que detinha o controle da rota do rio Solimões na fronteira com Bolívia, Colômbia e Peru. Com isso, o Comando Vermelho (CV) é obrigado a estabelecer alianças com a facção amazonense para ter acesso à droga mais barata. É importante destacar que os narcotraficantes do Pará sempre tiveram fortes relações com a FDN, mas em 2010 a transferência de um dos maiores traficantes de Belém para a penitenciária federal de Porto Velho (RO) culminou em seu “batismo” por parte do CV, logo, a partir desse momento a facção carioca se torna presente no estado, e os narcotraficantes do Pará tornam-se seus maiores aliados passando a fazer parte deste grupo criminoso e utilizando a sua marca CVRL (Comando Vermelho Rogério Lemgruber) ou “Tudo 2”.

Atenta-se para o fato de que em 2017, CV e FDN rompem relações e tornam-se rivais, o que culminou em uma “guerra urbana” na cidade de Manaus, onde hoje o CV domina e praticamente a

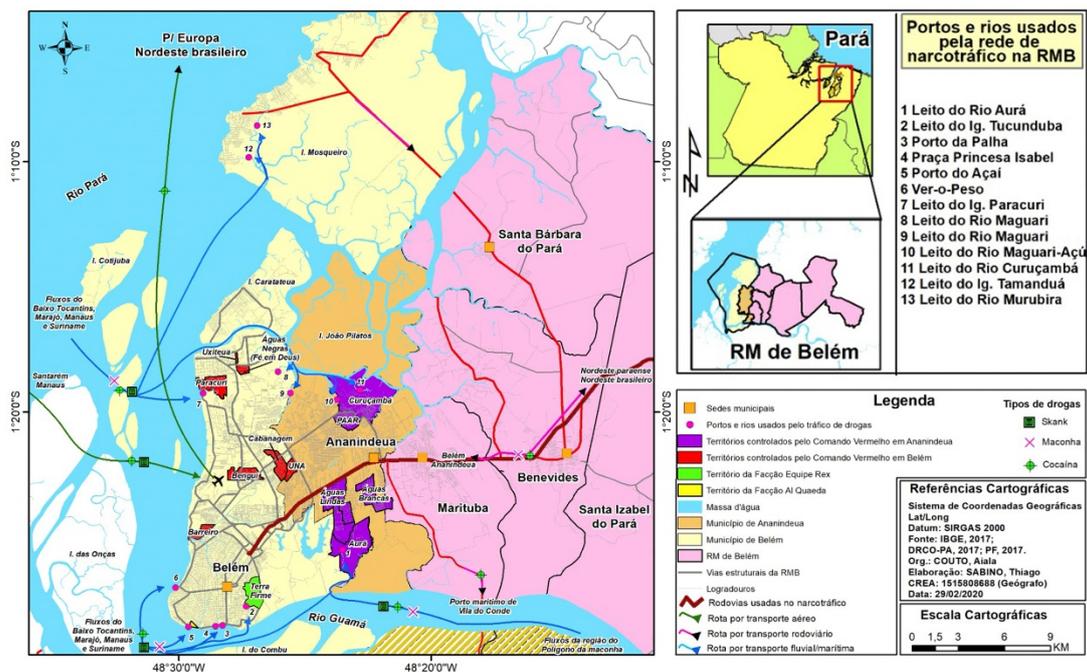
FDN deixou de existir. Ou seja, o que está em jogo nesta reorganização das facções criminosas é a busca pelo controle das principais rotas do narcotráfico na Amazônia. É justamente neste contexto que começa a quarta e atual fase de territorialização do narcotráfico na cidade de Belém com a presença principalmente do CV ocupando espaços em bairros periféricos.

A figura 2 destaca a representação espacial das redes do narcotráfico no espaço metropolitano de Belém. Ela demonstra a relação que as redes ilegais instituem sobre a cidade, destacando a importância e o papel deste “nó” ou “nexo” de interação dos circuitos espaciais da economia do crime, ou seja, Belém é uma cidade que compõe a rede geográfica do narcotráfico em escalas regional e global.

Conforme a figura 2, em Belém os fluxos da droga vêm de diversas regiões, a exemplo de Manaus e Santarém que chegam por meio dos rios, ou então através de uma conexão que se dá pela cidade de Abaetetuba, também utilizando os rios. Há também, a integração que se dá pela Alça Viária, envolvendo, nesse caso, toda a região metropolitana. Por fim, destacam-se os fluxos de saída da droga por vias rodoviárias em direção ao sul e sudeste do Pará com destino de parte da droga para o Nordeste, e outro fluxo que envolve a relação com o porto de Vila do Conde, na cidade de Barcarena no Pará. De qualquer forma, a metrópole é a principal base logística de operação das redes do narcotráfico.

Outro elemento que chama atenção na figura 2 é a presença de duas facções locais, a Equipe Rex e a Al Qaeda, hoje incorporadas ao CV. Elas estavam presentes nos bairros do Jurunas e Terra Firme, na periferia de Belém, bairros que passaram por processos de ocupação do espaço em áreas na época desvalorizadas pelo mercado imobiliário, conhecidas como áreas de baixada. Por sua vez, o CV do Pará está presente praticamente em todos os bairros representados pelas periferias, contribuindo para uma maior fragmentação do tecido urbano da cidade e ao mesmo tempo reforçando os processos de estigmatização socioespacial, sobretudo, por parte das classes sociais mais abastadas, dos meios de comunicação e das intervenções dos órgãos de segurança pública.

Figura 2 - Redes do narcotráfico no espaço metropolitano de Belém



Fonte: Elaboração própria (2023).

É certo que a convivência dos habitantes da periferia com esses grupos traz consequências e implicações negativas. Estes fatos, já foram apontados em trabalhos de Couto (2017; 2019 e 2020), onde foi apresentado o conceito de “territorialização perversa” que corresponde às formas de violência impostas pelo tráfico de drogas nas periferias de Belém como estratégias de dominação e apropriação dos territórios urbanos. Para consolidar seu domínio sobre esses territórios, o narcotráfico utiliza de diferentes mecanismos que reforçam sua presença, contribuem para suas atividades e impactam a vida da população que neles habitam.

3. AS ESTRATÉGIAS DE CONTROLE TERRITORIAL DO COMANDO VERMELHO NAS PERIFÉRIAS DE BELÉM

Conforme já mencionado, o conceito de território está intrinsecamente ligado às relações de poder que se manifestam em distintas dimensões — políticas, econômicas, sociais e culturais. Nesta última seção, serão abordadas questões sobre o processo de territorialização do narcotráfico nas periferias de Belém, nesse caso em específico, dando ênfase às manifestações de poder por meio da coerção e violência punitiva que a facção do Comando Vermelho (CV) promove sobre comerciantes, moradores e sujeitos em dívidas com o tráfico de drogas, estabelecendo uma relação política de vigilância e controle nos bairros.

Sob a perspectiva econômica do território, a diversificação dos negócios nas áreas controladas pelo narcotráfico na região amazônica tem cada vez mais se tornado uma estratégia essencial para fortalecer as estruturas de poder dos grupos criminais, pois se investe em áreas de garimpo, exploração ilegal de madeira, contrabando de minérios e até mesmo na grilagem de terras. Em relação a Belém, a facção criminosa cobra taxas aos comerciantes, investe no circuito inferior da economia, realiza práticas de agiotagem e controla o funcionamento de alguns transportes alternativos, inclusive estabelecendo limites para a circulação de motoristas de aplicativos.

É importante salientar que em Belém a facção opera a partir de uma característica que se aproxima muito das milícias pelo fato de que em alguns bairros ou conjuntos habitacionais, o tráfico tem o controle dos serviços de internet, da venda de gás e da água potável, e até mesmo, promove serviços de segurança privada, com a proibição de assaltos aos moradores e outras práticas que, segundo eles, “possam tirar a paz dos nossos vizinhos”.

A figura 3 foi registrada no bairro do Curió-Utinga, um bairro periférico de Belém que, na contemporaneidade, vem passando por um processo de transformação espacial em função da construção da chamada rodovia da liberdade. Porém, ele já foi uma periferia historicamente conhecida pela presença das chamadas gangues dos anos de 1990, com destaque para a BQ (Buraco Quente) e a Vandalismo, conhecida como “Van do Curió”. Todavia, na atualidade, o que prevalece é a presença do CV.

Como expressa a figura 3, na periferia de Belém são impostas regras que devem ser seguidas dentro da comunidade. Isto não é algo específico do bairro em destaque, visto que em outros bairros também vem ocorrendo tal relação. A ideia pensada pela facção é de que proibindo assaltos e roubos na comunidade, evita-se uma maior presença da polícia, mas o que prevalece nessas áreas onde há a presença desta facção é a chamada “lei do silêncio”, que também é imposta por grupos

milicianos. Estes nos últimos anos perderam espaço para o CV, porém, de forma discreta, continuam em atividade.

Figura 3 - Pichação do CV proibindo roubo no bairro do Curió Utinga.



Fonte: Arquivo Pessoal (2024).

É importante destacar que, até os dias atuais, ainda persistem discursos que caracterizam os traficantes como “bandidos sociais”, isto é, indivíduos que exercem o papel de “benfeitores” dentro das comunidades onde estão inseridos.

Souza (2008, p. 59) ressalta que:

Embora geralmente atuem como comerciantes orientados por uma lógica capitalista, esses indivíduos podem, em alguns momentos, expressar solidariedade para com os moradores das comunidades onde operam — seja de forma genuína ou por interesses estratégicos. Contudo, também são capazes de praticar atos de extrema violência contra essas mesmas pessoas.

Neste sentido, quando as regras impostas pela facção não são seguidas, aqueles que as descumpriam sofrem represálias, como torturas e assassinatos, sendo este último realizado pelo “tribunal do crime”. Por vezes, tais ações são filmadas e divulgadas para a comunidade, como forma de servir de exemplo e evitar que outros moradores desobedeçam.

Outros bairros que também vêm sofrendo as implicações da presença da facção são a Água Boa e a Brasília, localizados na Ilha de Caratateua, também conhecida como distrito de Outeiro, na parte insular de Belém. Nesse sentido, em entrevistas realizadas em campo, moradores relataram que vinham sofrendo ameaças por parte de integrantes do CV, onde foi imposta uma “taxa do crime” com valores que deveriam ser pagos para que seus comércios continuassem a funcionar, caso contrário, os estabelecimentos comerciais seriam fechados “a bala”.

Segundo relato,

Eles me ligaram me cobrando e eu não dei bola, e aí insistiram e desliguei. Eles apareceram na minha casa dizendo que não era pra desligar na cara deles e que assim que ia funcionar aqui agora. Vai ser cobrado R\$5.000 de cada comerciante da área, dizendo que ou eu pagava ou eu era “passado”. Então eu tive que fechar meu negócio porque eu não rendia R\$5.000 no mês pra mim sobreviver. (Senhor X autônomo - Entrevista concedida em 11/12/2025). (informação verbal).

De acordo com a entrevista acima, a facção por meio de ameaças impõe uma “taxa de pagamento” ao morador que tiver um pequeno comércio no bairro. Essa coerção ou intimidação é uma das estratégias que o grupo utiliza para manter o controle do território. Esta relação se enquadra naquilo que Castells (1996) definiu como “integração perversa”, ou seja, atividades relacionadas à economia do crime, e o narcotráfico é um exemplo, assim como, a extorsão.

Para Raffestin (1993), o território é um espaço construído pelo ator, que comunica suas intenções e a realidade material por intermédio de um sistema semântico. Ele destaca que do Estado ao indivíduo, passando por todas as organizações pequenas ou grandes, encontram-se atores sintagmáticos que produzem o território e que toda prática espacial, mesmo embrionária, induzida por um sistema de ações ou de comportamento, traduz-se por uma “produção territorial” que em sistemas de tessituras, de nós e redes organizadas hierarquicamente, permite assegurar o controle sobre aquilo que pode ser distribuído, alocado e/ou possuído, permitindo, dessa maneira, realizar a integração e a coesão dos territórios.

Diante disto, os territórios do narcotráfico são produzidos com base nas possibilidades de ganhos econômicos que não tem relação apenas com o mercado da droga, em outros termos, com a

comercialização de cocaína e skank. Assim, o narcotráfico também lucra com ações que dizem respeito ao comportamento social dos moradores, neste caso por meio da coerção, disciplinamento e controle das áreas nas quais ocorrem as práticas de extorsão impostas pela facção.

Outro exemplo é o caso da região conhecida como Vila da Barca, uma área de ocupação popular que passou, em parte, por um processo de revitalização urbana através da construção de Condomínios Habitacionais pela Prefeitura. A Vila da Barca, no bairro do Telégrafo, é o exemplo de duas realidades distintas: a parte que passou pelo processo de reforma urbana e a parte que se mantém no estilo palafitas com habitações precárias. Entretanto, toda a região recebe influência do CV, sendo inclusive, um espaço de fuga de sujeitos em conflitos com a justiça.

O relato abaixo ressalta que:

Aqui na Vila da Barca tem três células do CV basicamente. Aqui é predominantemente cocaína, só que também tem maconha praquelas bandas dali (próximo ao porto Solamar). (...) Tem muita gente que chega de carrão para comprar a cocaína em atacado pra vender em festa de playboy de classe média alta, só que a maioria das pessoas que compram aqui são tudo morador de rua que descem do Ver-o-Peso pra ficar tudo aí comprando com os caras. Só que também tem uns que vão pra lá vender. (...) Aqui não tem essa de “taxa do crime”. Ano passado um cara do Comando veio de longe e queria colocar isso, aterrorizando os moradores, só que ele foi denunciado e a polícia bateu aí, e o pessoal de “alto escalão” do Comando mandou matar ele, isso foi ano passado. Aqui não pode roubar, quando tem roubo aqui, os caras vão atrás e matam eles, por isso que aqui quase não tem roubo e nem briga. (Senhor Y morador - Entrevista concedida em 14/01/2025). (informação verbal).

A partir da entrevista acima, destaca-se que não são todas as áreas que contam com a presença do narcotráfico que ocorre a cobrança de “taxas do crime” aos comerciantes, pois no caso da Vila da Barca, o que prevalece é a proibição de assaltos na comunidade. Isto ocorre porque ela constitui como um importante “nó” da interação espacial dos fluxos de drogas na metrópole, através de sua localização na Baía do Guajará. Desse modo, a estratégia que a facção utiliza lá é não criar conflitos com os moradores, de forma a não atrair a atenção dos órgãos de segurança pública. Com isso, o território também é movimento, é reorganização dos fluxos, é funcionalidade imposta, ou não, pelas relações de poder nele estabelecidas.

De acordo com Haesbaert (2004, p. 281):

Se o território hoje, mais do que nunca, é também movimento de feições meramente funcionais, ele é também um movimento dotado de significado, de expressividade, isto é, que tem um significado determinado para quem o constrói e/ou para quem usufrui dele.

Estes fluxos, por sua vez, vão caracterizar a dinâmica dos territórios-rede, voláteis, flexíveis e não sujeitos aos limites demarcadores que definem onde começa e onde termina a influência de determinado grupo que se territorializa. A Vila da Barca é um “nó”, como dito anteriormente, de uma rede que organizada forma um território-rede ou um território rede, assim como, outros pontos da cidade que fazem parte desta estrutura espacial, destacando a importância da Baía do Guajará para os fluxos de cocaína integrados aos portos e trapiches que servem para abastecer o mercado intraurbano de venda da droga.

De acordo com Massey (1993, p. 157), “diferentes indivíduos e grupos sociais estão situados de formas distintas em relação aos fluxos e interconexões, definindo o espaço a partir de uma teia complexa de relações de dominação e subordinação, de solidariedade e cooperação”. A autora prossegue e chama a atenção de que:

Diferentes grupos sociais têm distintas relações com esta mobilidade igualmente diferenciada; alguns são mais implicados do que outros; alguns iniciam fluxos e movimentos, outros não; alguns mais na extremidade receptora do que outros; alguns estão efetivamente aprisionados por ela (MASSEY, 1993, p. 61).

Para Santos (1996, p. 219), a fluidez, operada por intermédio das redes, “não alcançaria as consequências atuais, se, ao lado das inovações técnicas, não estivessem operando novas normas de ação, a começar, paradoxalmente, pela chamada desregulação”.

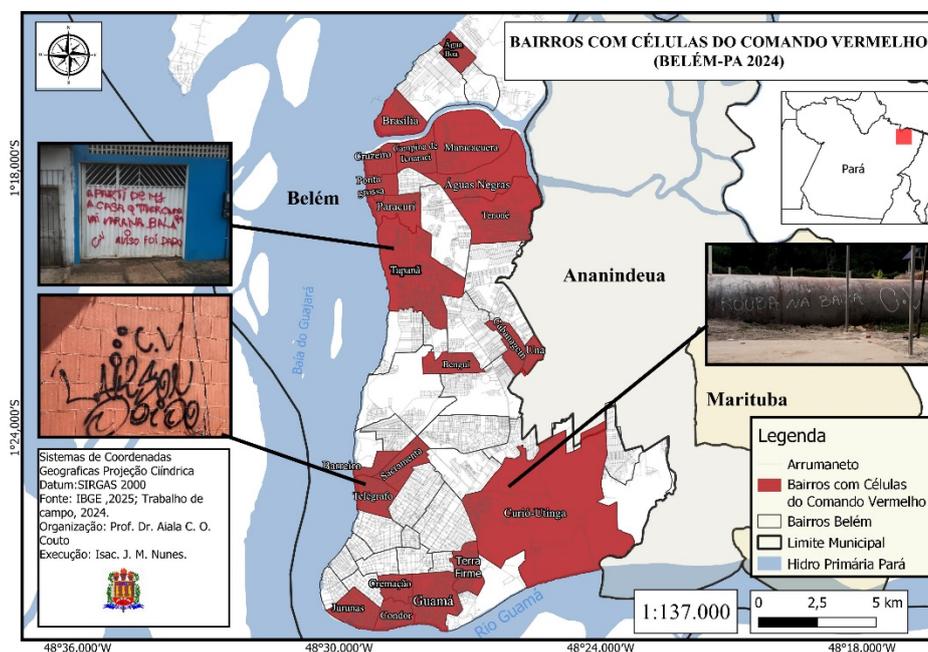
Há também o controle sobre a entrada e saída de pessoas não conhecidas dentro do território. No caso de Belém, essa se dá em uma escala menor, estando mais presente em zonas dos bairros onde o narcotráfico atua. Contudo, mesmo que não abranja completamente o bairro, isso traz consequências para ele todo uma vez que os tornam espaços estigmatizados, assim como seus moradores, como já mencionado anteriormente.

Nesse sentido, tais ações demonstram como a facção exerce um controle dentro das periferias, onde através do poder ela possui não somente influência, mas também domínio sobre o território. Assim, essa é mais uma violência enfrentada pelos moradores da periferia de Belém, os quais além de sofrerem com as condições de vulnerabilidade social, enfrentam também a coerção exercida por agentes violentos, nesse caso os faccionados. Para espacializar a presença do CV na periferia da capital paraense, a figura 4 apresenta os bairros que possuem células dessa facção.

É importante frisar que o destaque dos bairros na figura 4 não se trata de uma delimitação territorial que envolve o controle deles completamente por parte da facção. O que há na realidade é

a identificação da presença desta facção nesses bairros, havendo zonas marcadas pela territorialidade de grupos criminais. Outra informação importante é que a intensidade das formas de coerção e violência imposta pela facção diferencia-se de acordo com o nível de controle territorial. Como exemplo, destaca-se os bairros do Tapanã e Benguí, onde ocorreram casos de lojas de material de construção terem seus caminhos queimados por faccionados, pelo simples fato de negarem o pagamento da taxa.

Figura 4 – Bairros de Belém-PA com a presença de células do Comando Vermelho.



Fonte: Labgeo/UEPA (2024).

Também há o caso do bairro do Guamá, onde a taxa do crime foi imposta a uma grande rede de supermercados da cidade que também se negou a pagar e teve suas vidraças quebradas e seus funcionários ameaçados. As pichações destacadas na figura 4 são expressões de um dos mecanismos de controle e disciplina do território, onde por meio de avisos o CV proíbe assaltos e, em alguns casos, ameaça moradores para que não ocorram denúncias aos órgãos de segurança pública.

Na atualidade, o poder exercido pelo comando do narcotráfico é reconhecido pela população por meio de pichações que descrevem mensagens ou os chamados “salves” que circulam pelas redes sociais, sendo elementos demarcadores de territórios. A territorialidade do narcotráfico é, portanto,

uma estratégia espacial para influenciar e controlar pessoas, fontes e fluxos a partir do controle da área. “Em termos geográficos ela é uma forma de comportamento espacial. A questão então é descobrir sobre que condições e porquê da territorialidade é ou não é empregada” (SACK, 1986, p. 3). Por fim, essa nova configuração espaço-territorial do narcotráfico a partir da facção CV do Pará é o que caracteriza a atual fase das dinâmicas do narcotráfico e do crime organizado não apenas em Belém, mas também por toda a região metropolitana.

PARA NÃO CONCLUIR

Com efeitos sobre a dinâmica urbana na metrópole de Belém, o narcotráfico nas últimas décadas foi responsável por reorganizar a estrutura criminal, sobretudo, nas periferias da cidade. A evolução dos grupos criminais se deu com base no grau de importância que a região amazônica passou a ter para os circuitos espaciais das redes ilegais em escalas regional e global. Este fato consolidou o papel da região no que diz respeito ao mercado da droga, sendo ela uma área de trânsito para a Europa e África, mas que ao mesmo tempo se constitui enquanto um mercado consumidor, com destaque para as capitais.

Belém torna-se, com isso, um importante “nó” de interação espacial dos fluxos do narcotráfico, integrando-se às escalas de poder do crime organizado. É dessa forma que as periferias vêm sendo ocupadas pela dinâmica dos grupos criminais como o Comando Vermelho (CV) do Rio de Janeiro, que institui a criação de células intituladas Comando Vermelho do Pará. Assim, esta facção criminosa impõe lógicas de controle e regulação dos territórios, criando identidades e estratégias de coerção e violência, bem como fortalecendo o poder econômico do crime não apenas pela venda da droga, mas também pela cobrança de taxas aos comerciantes e moradores dos bairros.

Finalmente, o que se tem observado é uma territorialização da facção criminosa CV nas periferias de Belém, algo que compromete o direito de ir e vir da população e cria estigmas sociais, além de intensificar a violência, comprometendo a presença do Estado nestes bairros. Acredita-se aqui que a melhor forma de enfrentamento ao crime organizado é a eliminação das desigualdades e vulnerabilidades sociais, algo que só é possível através de políticas públicas democráticas com participação popular e direcionadas para atender verdadeiramente as reais necessidades das periferias de Belém.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASTELLS, Manuel. **O fim do milênio**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

COUTO, Aiala. **A Geografia do crime na metrópole**: das redes ilegais à territorialização perversa na periferia de Belém. Belém. Eduepa, 2014.

_____. **Do poder das redes as redes do poder**: necropolítica e configurações territoriais sobrepostos do narcotráfico na metrópole de Belém-Pa. Belém. Programa de Pós Graduação em desenvolvimento sustentável do trópico úmido – PPGDSTU, 2018 (Tese de doutorado).

_____. Conectividade e territórios em rede do narcotráfico na Amazônia Brasileira. In: **GeoTextos**, vol. 15, n. 2, dez 2019. p. 123-147.

_____. Fronteiras e estrutura espacial do narcotráfico na Amazônia. In: **Boletim Gaúcho de Geografia**, Vol. 47 nº 1, jul 2020 p. 365 – 388

_____. **Geopolítica do narcotráfico na Amazônia**. Curitiba. Appris, 2024.

HAESBAERT, Rogério. **Territórios alternativos**. São Paulo. Contexto, 2002.

_____. **O mito da desterritorialização: do fim dos territórios à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

_____. **Viver no limite**. Rio de Janeiro. Bertrand, 2014.

MASSEY, Doren. Power-geometry and a progressive sense of place. In: BIRD, J. et al. (Edt.). **Mapping the futures, local cultures, global change**. Londres; Nova Yorque: Routledge, 1993.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1991;1993.

SACK, Robert. **Human Territoriality: Its theory and history**. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

SANTOS, Milton. Por uma geografia das redes. In: SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1996. p. 208-222.

SOUZA, Marcelo. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, Iná; GOMES, Paulo; CORRÊA, Roberto. **Geografia: conceito e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

_____. **Fobópole**: o medo generalizado e a militarização da questão urbana. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.